



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LÉXICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

Ana Keila Castro Garcia ¹
Ana Cleide Guimbal ²

Categoria: Comunicação oral

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Pesquisa sobre a Produção do Conhecimento Científico em Educação Especial

RESUMO: O presente artigo expõe uma abordagem teórica sobre os conceitos de variação linguística no léxico da Língua Brasileira de Sinais (Libras), apontando as diversas variações em alguns Estados e regiões do Brasil, bem como os transtornos entre os seus usuários devido ao não conhecimento dessa língua. Nesse sentido, surgiu a oportunidade de realizar esta pesquisa a fim de evidenciar essa problemática, com o propósito de conhecer as dificuldades encontradas pelos usuários dessa língua e as variações existentes que formam o léxico. O objetivo geral consiste em compreender as variações linguísticas existentes na língua brasileira de sinais. Para alcançar tal objetivo, foi elaborado objetos específicos que nortearam a pesquisa, que consistem em identificar e compreender as variações linguísticas existentes na Libras, além de relacionar suas variações linguísticas existentes com o vocábulo a qual pertence, levando em consideração as diferenças regionais, sociais e as mudanças históricas. Para alcançar tais objetivos, foi utilizada a pesquisa do tipo bibliográfica a fim de conhecer as variações existentes na Libras, bem como expor suas características que a diferencia da Língua Portuguesa e a torna uma língua materna. Para tanto, foram utilizadas as teorias de autores como Quadros e Karnopp (2004), Dizeu (2014), Oleques (2010), Godfield (2002), Strobel e Fernandes (1998).

PALAVRAS- CHAVE: Variação linguística. Léxico. Libras.

¹ Aluna do curso de Especialização em Estudos Linguísticos e Análise Literária (UEPA). E-mail: anakeilascastro@gmail.com-Autora do artigo.

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista " (UNESP/FCLAr.E-mail:anaguimbal@gmail.com-Orientadora do artigo.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil a língua, seja oral ou escrita, é o principal meio de comunicação entre as pessoas, porém nem todos conseguem comunicar-se com ela, uma vez que há pessoas surdas que não se comunicam por meio dessa língua, mas através da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Entretanto, nem todas as pessoas que utilizam essa língua conseguem comunicar-se de forma clara, pois há muitas variações no que diz respeito ao léxico da Libras.

Dessa forma, é necessário que o usuário da Libras tenha um amplo conhecimento das variações dessa língua, pois em cada região e com as mudanças históricas, a Libras foi modificando-se, fazendo com que o surdo aprendesse novos “sinais”, sempre com o propósito de atualizar aqueles que fazem uso da Libras. Da mesma forma como a Língua Portuguesa tem suas variações nos diferentes estados e regiões do Brasil, a Libras também passa pelo mesmo percurso, o que causa alguns transtornos entre os seus usuários.

Nesse sentido, diante da dificuldade que muitos usuários da Língua Brasileira De Sinais (Libras) encontram para se comunicar através da mesma, pela falta do conhecimento lexical, surgiu a oportunidade de realizar esta pesquisa a fim de evidenciar essa problemática, com o propósito de conhecer as dificuldades encontradas pelos usuários dessa língua e as variações existentes que formam o léxico. Para tanto, foram utilizadas as teorias de autores como Quadros e Karnopp (2004), Dizeu (2014), Oleques (2010), Godfield (2002), Strobel e Fernandes (1998).

Tomando como base deste trabalho tal justificativa, o objetivo geral consiste em compreender as variações linguísticas existentes na Língua Brasileira De Sinais (Libras). O mesmo foi elaborado a partir de objetos específicos que nortearam a pesquisa, que consistem em identificar e compreender as variações linguísticas existentes na Libras, além de relacionar suas variações linguísticas existentes com o vocábulo a qual pertence, levando em consideração as diferenças regionais, sociais e as mudanças históricas.

Para alcançar tais objetivos, foi utilizada a pesquisa do tipo bibliográfica a fim de conhecer as variações existentes na Libras, bem como expor suas características que a diferencia da Língua Portuguesa e a torna uma língua materna.

Assim, este trabalho está dividido em três partes, em que a primeira apresenta um breve histórico da Língua Brasileira de Sinais (Libras), abordando sua oficialização, suas características e objetivo. A segunda parte apresenta as diferenças entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), destacando suas concepções acerca de seus usuários. E a terceira parte apresenta as variações lexicais existentes na Libras que estão diretamente relacionadas ao contexto de uso, ligadas às diferentes regiões do país, às mudanças históricas e ao gênero e idade desses usuários da Libras.

1.1 HISTÓRICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Até o século XV os surdos eram mundialmente considerados como ineducáveis. A partir do século XVI, com mudanças nessa visão acontecendo na Europa, essa ideia foi sendo deixada de lado. Teve início a luta pela educação dos surdos, na qual ficou marcada a atuação de um surdo francês, chamado Eduard Huet. Em 1857, Huet veio ao Brasil a convite de D. Pedro II para fundar a primeira escola para surdos do país, chamada na época de Imperial Instituto de Surdos Mudos. Com o passar do tempo, o termo “surdo-mudo” saiu de uso por ser incorreto.

A Libras foi criada, então, junto com o INES, a partir de uma mistura entre a Língua Francesa de Sinais e de gestos já utilizados pelos surdos brasileiros. Ela foi ganhando adeptos, mas sofreu uma grande derrota em 1880. Um congresso sobre surdez em Milão proibiu o uso das línguas de sinais no mundo, acreditando que a leitura labial era a melhor forma de comunicação para os surdos. Isso não fez com que eles parassem de se comunicar por sinais, mas atrasou a difusão da língua no país.

Com a persistência do uso e uma crescente busca por legitimidade da língua de sinais, a Libras voltou a ser aceita. A luta pelo reconhecimento da língua, no entanto, não parou. Em 1993 uma nova batalha começou, com um projeto de lei que buscava regulamentar o idioma no país. Quase dez anos depois, em 2002, a Língua Brasileira de Sinais foi finalmente reconhecida como uma língua oficial do Brasil.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), de acordo com Dizeu e Caporali (2005), quando oficializada no ano de 2002 (Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002) abriu novos caminhos para seus estudos, porém, simultaneamente, gerando polêmicas por profissionais da área e surdos que não se sentem envolvidos na comunidade e nem conseguem ver os benefícios que essa conquista trouxe. Assim, ainda segundo as autoras supracitadas, a Libras foi criada para que as pessoas surdas pudessem se comunicar com as outras e expressar suas ideias e posicionamentos a respeito de qualquer assunto, para que sejam respeitadas e possam integrar ao meio em que vivem.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a Libras é reconhecida legalmente como língua, como sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou patologia da linguagem. Quanto à sua estrutura, Dizeu (2014) afirma que tanto as línguas de sinais quanto as orais apresentam as mesmas propriedades abstratas da linguagem, porém se opõem densamente em suas formas superficiais, pois os estudos de Stokoe (Apud Dizeu 2014) mostraram que os sinais não são apenas imagens, mas símbolos abstratos, possuindo uma complexa estrutura interior. Stokoe foi o primeiro a investigar a estrutura, analisar e desconstruir os sinais, além de pesquisar suas partes constituintes.

Segundo Oleques (2010, p. 21), “a língua de sinais é, atualmente, a forma mais acessível à aquisição da linguagem à pessoa surda, pois, é uma língua de modalidade visual-gestual, permitindo um desenvolvimento completo da linguagem e por consequência acesso as funções cognitivas”. Ainda para a autora, a língua de sinais esbarra em um impedimento fisiológico do sujeito surdo, ao contrário da

língua oral que não necessita ser ensinada, pois se constitui e se desenvolve naturalmente, considerando repertórios adequados para esta situação.

Assim, como uma criança ouvinte aprende a falar por imitação de forma natural e espontânea, a língua de sinais é assimilada pela criança surda em contato com outras pessoas adultas surdas ou em contato com adultos ouvintes que dominam a língua de sinais, com o propósito de estimulá-la, dando-lhe acesso à linguagem e, conseqüentemente, a oportunidade de comunicação, organização de pensamento e de consciência.

No entanto, segundo Godfield (2002, p. 53) estudos mostram que “a sociedade não tem possibilitado ao surdo a utilização da sua forma mais peculiar de significar o mundo, não estimula e não entende a língua de sinais e sua importância para a comunidade surda”.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo se desenvolveu por meio de uma pesquisa do tipo bibliográfica, no qual se utilizou de estudos de diversos autores relacionados ao tema como fonte de referências já publicadas em artigos acadêmicos, livros científicos e artigos de sites que contribuíram para enriquecer as análises, a fim de conhecer as variações existentes na Libras, bem como expor suas características que a diferencia da Língua Portuguesa e a torna uma língua materna e fomentar para a construção de conhecimento no âmbito social e educacional.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas

com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Neste artigo foi exposto de forma resumida as principais ideias já discutidas por autores que trataram sobre o tema, levantando críticas e dúvidas. Este trabalho se destaca entre os trabalhos já produzidos sobre o tema, pois faz uma abordagem sobre as variações da Libras, em seus aspectos regional, social e histórico. Quanto ao quadro teórico, este é formado por autores renomados e contém conteúdo adequado ao recorte temático investigado.

Os dados foram coletados a partir de artigos e capítulos de livros levando em consideração a importância da formação docente na educação especial para o ensino da Língua Brasileira de Sinais e suas variações linguísticas. As imagens utilizadas neste artigo estão sendo usadas para demonstrar as variações existentes na Libras, tanto no aspecto regional, quanto nos aspectos social e histórico.

2.1 A LÍNGUA PORTUGUESA E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A língua portuguesa é uma língua de modalidade oral-auditiva, isso significa dizer que, de acordo com as autoras Quadros e Karnopp (2004, p.30), utiliza o canal oral (aparelho fonoarticulatório) e auditivo para que aconteça a comunicação. A Língua Brasileira de Sinais utiliza o canal viso-espacial (canal visual e a delimitação espacial) como meio de comunicação, na qual o falante marca com sinais seu espaço de interação com o interlocutor. Para o surdo, a imagem mental da palavra é construída visualmente, e não auditivamente, mostrando que a relação entre o significante e o significado é estabelecida por meio de gestos articulatórios, não na forma som. Desse modo, o contexto de interpretação comunicativa auxilia na compreensão e gera uma vasta rede de possibilidades lexicais.

Em relação à variação linguística, o processo de interconexão entre a forma oral-auditiva e viso-espacial deve ser considerada heterogênea, pois a percepção

visual do gesto articulatório do interlocutor não é único, já que a fala não é de uma língua homogênea, havendo variações linguísticas entre surdos de várias regiões do país, como gaúchos, baianos, paulistas, paraenses, que não são apenas semânticas, mas principalmente fonológicas e, em alguns casos, sintáticas. As diferentes maneiras de falar ou sinalizar (pontos de articulação, prosódia) ocorrem em diferenças “visuais”.

Ao estudar a interação entre a Língua Brasileira de Sinais e o português escrito, Peixoto (2006) acredita que a Libras é diferença porque constitui um apoio, um lugar de reflexão e de atribuições de sentido ao texto escrito, onde a palavra escrita é a culminância de um diálogo entre os subsídios e as propriedades dos dois sistemas da língua. A autora completa, ainda, dizendo que um sinal é o ponto de partida para chegar a uma palavra, o que faz o falante buscar significantes nessa língua para compreender a palavra. Para a autora, os pontos comuns entre as duas línguas é o alfabeto digital e os empréstimos linguísticos que existem na Libras.

De acordo com, Emmorey (1993) e Mayberry et al (1992), pesquisas afirmam que os falantes de Libras têm habilidades de espaços-visuais mais desenvolvidas que os sujeitos que não utilizam essa língua, pois as habilidades visuais estão intimamente ligadas às habilidades linguísticas específicas necessárias para a Libras, como o uso e o reconhecimento de expressões faciais, o uso do espaço, a sustentação e a rapidez de imagens, a discriminação da face, de figuras em espelho. Há aumento na maturação do processo viso-espacial no hemisfério direito de crianças surdas, produzida pela compensação sensorial.

Alguns estudos têm mostrado participação importante do hemisfério direito no processamento da Libras, sinalizando que o processo é bilateral. Assim, Neville et al. (1997), Bavelier et al. (1998) e Newman et al. (2002) afirmam que “as áreas parietoccipital e frontal do hemisfério direito são utilizadas para o processamento da língua de sinais em sujeitos surdos e ouvintes.” Portanto, há dúvidas sobre a função central do hemisfério direito no processamento da linguagem, uma vez que os

estudos de casos com afásicos em língua de sinais não representam uma participação linguística de fato desse hemisfério.

Segundo Obler e Gjerlow (2000), pesquisas mais aprofundadas realizadas com ouvintes bilíngues em língua de sinais, em línguas de modalidade oral e também com surdos que usam a língua de sinais mostram que apenas a estimulação da área de Broca (parte do cérebro humano responsável pelo processamento da linguagem, produção da fala e compreensão) são parecidas na produção em inglês e na língua de sinais. A estimulação na área temporal apresenta resultados distintos, mostrando que a área temporal do hemisfério esquerdo é mais importante para a língua de sinais, para a soletração e para a posição das mãos, do que para a linguagem falada.

Tais pesquisas podem evidenciar que, em termos de estrutura, a modalidade da linguagem pode afetar, variavelmente, a atividade corticognitiva. A experiência predominantemente visual tem influência ativa na cognição e ressalta a flexibilidade e a plasticidade cerebral. Entretanto, a modalidade da língua não é responsável, sozinha, pela organização cerebral para a linguagem.

2.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

O tema variação linguística envolve aspectos de ordem política em relação à luta pelos direitos dos surdos e pelo reconhecimento da Língua Brasileira De Sinais (Libras). Porém, tais aspectos apresentam dificuldades no momento da interação entre surdos não usuários e usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Além disso, na Libras, bem como em línguas de sinais e línguas orais de outros países, ocorre variação linguística. Brien e Brennan (1995) afirmam que o dicionário de língua de sinais em desenvolvimento nos Países Baixos apresenta cinco variações distintas na língua de sinais, relacionadas a cinco diferentes regiões, cujos sinais podiam ser associados a cinco escolas de Surdos (SCHERMER e HARDER; 1986; TIMERMAN e MANS, 1990, Apud BRENNAN e BRIEN, 1995). Para os autores, esta situação talvez tenha ocorrido ou aconteça em outros países.

Ainda segundo a experiência dos autores, antigamente, as variações eram muito mais diferentes do que são hoje. No entanto, ainda observam que há comunidades que permanecem com sua própria variedade linguística, como se resistissem às mudanças históricas e sociais, talvez por considerarem a mudança uma ameaça à identidade e a cultura do grupo.

A ocorrência de variação relacionada, principalmente, por fatores geográficos ou regionais, vem sendo desmistificada pelos autores, pois apontam para outras formas variantes como as relacionadas às produções de indivíduos com diferentes formações acadêmicas, apontando, inclusive, possíveis diferenças em relação a status linguístico, além daquelas relacionadas a pessoas pertencentes a grupos minoritários, como grupos de indivíduos pertencentes a diferentes religiões (Católicos, Judeus, Muçulmanos, Protestantes) ou de diferentes gêneros e identidades sexuais que compartilham determinados sinais.

As variações são previsíveis e comuns entre jovens e idosos de uma mesma comunidade e, até mesmo, em relação ao tempo de prática da língua de sinais, pois, havendo muitos surdos filhos de pais ouvintes, o início de aquisição da língua de sinais se dá de forma espontânea e desde muito cedo, logo após o nascimento, o chamado nativo na língua de sinais, ou tardiamente, quando iniciado em curso.

Há alguns anos atrás, os estudos sobre a linguagem ainda eram limitados às línguas faladas e, desde o início dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais, estão sendo estabelecidas novas perspectivas.

As propostas de pesquisas de trabalho direcionadas à Libras passou a se preocupar, basicamente, com as abordagens educacionais específicas para os surdos, em prol de se estabelecer e manter uma “cultura surda” e com as análises formais da linguagem. Isso ocorre pelo fato de que o interesse pelo tema é algo novo, de forma mais sistemática, da linguística pelo tema.

A discussão acerca da variação linguística em Libras não pode se resumir somente a uma simples comparação deste processo que promove uma diversidade linguística e o enriquecimento do vocabulário. A organização de estudos destas

variações em Libras está relacionada à percepção do mundo e à construção de significados.

Pode-se afirmar que, na Libras, encontra-se uma condição linguística de alta complexidade, resultante dos processos de aquisição da língua, dos aspectos culturais e do impacto político e social de tais aspectos na vida dos Surdos. E esses fatores dependem de variáveis como os usos da língua, os interlocutores proficientes, as possibilidades de adquirir uma segunda língua, os métodos formais ou informais de aprendizagem de uma segunda língua, além da relação de cada sujeito com a Libras e a Língua Portuguesa.

Para situar este assunto, vamo-nos servir, inicialmente, do que dizem Strobel e Fernandes (1998) que apresentam exemplos de variações regionais, sociais e variações relacionadas a mudanças históricas. Em seguida apresentamos considerações acerca de cada variação apresentada pelas autoras. Para melhor auxiliar o entendimento quanto as configurações de mãos apresentada por cada figura a seguir, optamos pela tabela elaborada pelo surdo Nelson Pimenta (2010), por sua aceitação no mercado acadêmico.



ECIAL
á-PA

2.3 VARIAÇÕES REGIONAIS

Para Strobel e Fernandes (1998), as variações regionais referem-se a variações de sinais de uma região para outra, por exemplo, o termo VERDE, representado nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, apresentando articulações diferentes em cada cidade, como mostra a figura abaixo:



Fonte: FERNANDES, S. *et al.* **Aspectos linguísticos da LIBRAS**. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Pode-se perceber que, neste exemplo, as variantes podem ser gesticuladas com duas mãos ou apenas uma mão. Na variante encontrada no Rio de Janeiro, o articulador usa uma mão como apoio, chamada de passiva, e a outra mão, ativa, que apresenta configuração de mão com a letra “V” (nº 50 da tabela), somado ao movimento de vai e vem como se fosse riscando para colorir algo; outras cores também possuem a mesma característica.

As outras variantes do termo VERDE, encontradas em São Paulo (nº 12 da tabela) e em Curitiba (nº 29 da tabela), apresentam o uso apenas de uma mão, com configurações diferenciadas, sendo que não apresentam nenhuma relação entre si.

Outro exemplo é o conectivo, MAS que depende muito do contexto do uso. É interessante notar nessas variantes que as expressões faciais são mais associadas

à interpretação do seu real uso, pois o conceito é o mesmo, apesar de haver diferentes possibilidades de uso, o que caracteriza a variação.

As variantes também pertencem às cidades do Rio de Janeiro (nº 56 da tabela), São Paulo (nº 14 da tabela) e Curitiba (nº 29 da tabela) como mostra a figura abaixo:

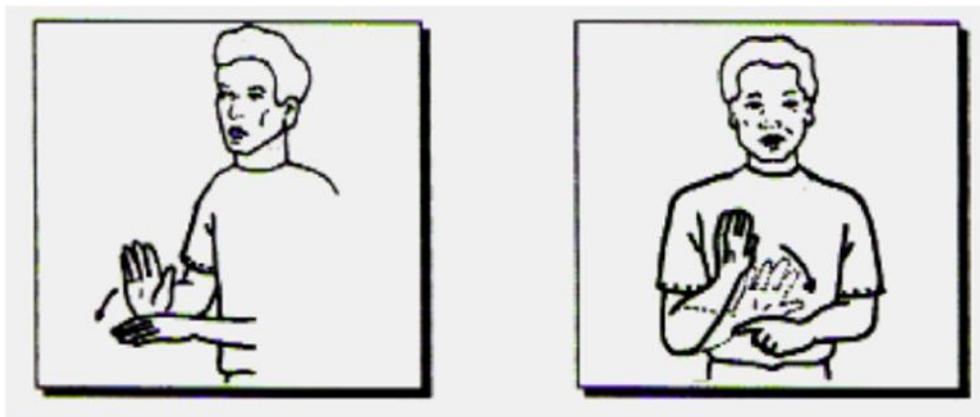


Fonte: FERNANDES, S. et al. Aspectos linguísticos da LIBRAS. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998

2.4 VARIAÇÕES SOCIAIS

A língua de sinais passa por variações conforme o aumento de escolaridade dos surdos, o aumento de contato com outras comunidades surdas, conforme a condição social e regional do lugar onde vive. Desta forma a variação social refere-se a variações na configuração das mãos e/ou no movimento, não modificando o sentido do sinal.

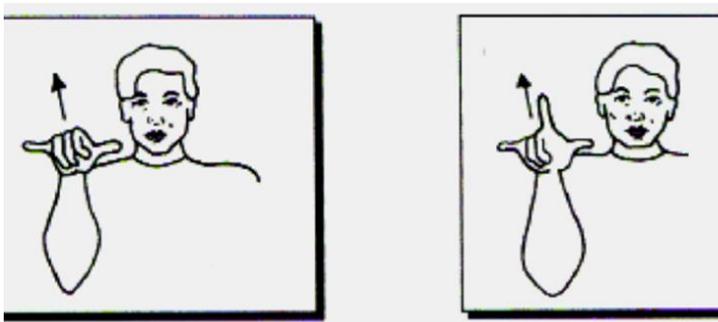
Um exemplo de variação social é o uso do verbo AJUDAR, considerado “social” por Strobel e Fernandes (1998). Nesse caso, a configuração de mão e/ou do movimento, não modifica o sentido do sinal, como vemos na figura a seguir:



Fonte: FERNANDES, S. et al. Aspectos linguísticos da LIBRAS. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

Como se pode notar nessas variantes, ambas são realizadas com as duas mãos, onde uma mão é ativa e a outra mão é passiva. Na mão ativa, a configuração de mão é a mesma (nº 56 da tabela), porém na mão passiva, caracterizada como mão de apoio para a realização do sinal, a configuração de mão é diferente, conforme exemplifica a imagem.

Para as variantes do termo AVIÃO, são consideradas do tipo icônica, com alta e baixa iconicidade, na qual a primeira variante apresenta a forma de “Y” (nº 04 da tabela), que é mais utilizada do que a segunda variante (nº 40 da tabela), entretanto, não apresentando diferenciação para o uso do mesmo conceito, como vemos na imagem a seguir:



Fonte: FERNANDES, S. et al. Aspectos linguísticos da LIBRAS. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

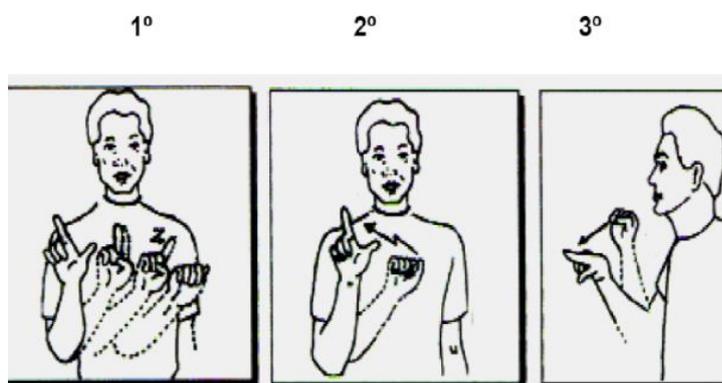
2.5 VARIAÇÕES RELACIONADAS A MUDANÇAS HISTÓRICAS

As variações históricas mostram que um sinal pode sofrer alterações ou mudança com o passar do tempo.

O termo tido como exemplo é a palavra AZUL, onde a primeira variante, mostrada na primeira imagem abaixo, é formada através da datilologia, onde são usadas letras do alfabeto manual para indicar termos ou palavras que não existem em Língua de sinais (nº 1,14,33,38 da tabela).

A segunda imagem representa uma variante formada por meio de sinais soletrados (nº 1, 38 da tabela), em que as letras do alfabeto mais coincidem com uma soletração, com o uso da letra inicial e final, ou inicial, do meio e do final em uma mesma soletração.

A terceira variante apresenta uma configuração (nº 7, 38) de mão associada ao movimento e não apresenta nenhuma relação com a cor e/ou o termo AZUL.



Fonte: FERNANDES, S. et al. Aspectos linguísticos da LIBRAS. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998

Assim, ao comparar o estado dos três exemplos mostrados, percebemos exemplos de variantes que foram se modificando com ao longo dos anos, as

chamadas variantes históricas, pois de acordo com o passar do tempo, o sinal mostrou diferenças em seu modo de realização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa, pode-se perceber que é preciso compreender as variações linguísticas da Libras como uma característica relevante ao processo de aquisição da mesma, visto que o emprego dos significados ocorre de acordo com a cultura e história a que pertence determinada sociedade.

Também é possível compreender que as relações entre as variações linguísticas existentes na Libras com o vocábulo a qual pertence devem ser levadas em consideração principalmente no contexto regional, visto que o Brasil é um país diversificado e pluralmente cultural, no qual os sotaques e as variações linguísticas influenciam diretamente na criação de sinais para o enriquecimento e melhor entendimento da Libras por aqueles que fazem uso dessa língua.

Assim, compreende-se que as variações linguísticas na Libras é o que diferencia as diversas sociedades que dela se apropriam, inclusive tais variações são a marca de cada grupo ou comunidade surda, uma vez que muitos gestos são criados a partir dos contextos de uso e de acordo com a necessidade de cada pessoa surda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é resultado de uma pesquisa em relação ao processo de variação linguística que promove a Língua Brasileira de Sinais (Libras), no qual o foco da pesquisa foi mostrar os tipos de variação representados por alguns termos da língua portuguesa, sob os aspectos da variação regional, social e de acordo com as mudanças históricas.

De modo geral, tentou-se mostrar que a Libras possui uma grande diversidade quanto aos seus princípios teóricos, pois pauta-se na descrição, na elucidação e na articulação de fatos relacionados à língua, transformando-os em língua de sinais.

A discussão sobre as variações linguísticas é muito importante para a comunidade surda e para aqueles que trabalham com os surdos, pois mesmo que algumas variantes não sejam aceitas, o que é algo natural, isso faz parte do processo linguístico de qualquer língua, e a Libras não seria diferente, favorecendo mecanismos diversos aos seus falantes.

Além disso, sabemos que a proposta de discutir variação linguística para a divulgação do conhecimento e acessibilidade da comunicação através da Libras possibilita o enriquecimento lexical e a valorização da língua.

REFERÊNCIAS

BAVELIER D.; CORINA D.; JEZZARD P.; CLARK V.; KARNI A.; LALWANI A.; et al. **Hemispheric specialization for english and ASL: left invariance-right variability.** Neuroreport: 1998, 9. p. 1537- 42.

BRIEN, D.; BRENNAN, M. **Sign language dictionaries: issues and development.** In: Sign language research 1994. International studies on sign language and communication of deaf. Germany: Signum, 1995.

CASTRO, N.P; QUADROS, R.M. **Curso LIBRAS 1** 4a Edição. Editora Vozes, 2010.

DIZEU, L. C. T. B.; CAPORALI, S. A. **A Língua de Sinais constituindo o surdo como sujeito.** *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

DIZEU, L. C. T. B. Procedimentos metodológicos para uma investigação sociolinguística com a língua brasileira de sinais. p.61-70. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística.** São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.

EMMOREY, K.; U. Bellugi; E. Klima. Organização neural da língua de sinais. In: M. C. Moura; A. C. B. Lodi; M. C. da C. Pereira (Org.). **Língua de sinais e educação do surdo.** São Paulo: Tec Art, 1993. p. 19-40. (Neuropsicologia). v 3.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. São Paulo: Plexus, 2002.

MAYBERRY, K. S.; HARTZ, T. K. **Extension of muskmelon storage life through the use of hot water treatment and polyethylene wraps**. HortScience, v.27, n. 4, p. 324-326, 1992.

NEVILLE, H. J.; COFFEY S. A.; LAWSON D. S.; A. Fischer.; K. Emmorey and U. Bellugi. **Neural Systems Mediating American Sign Language: Effects of Sensory Experience and Age of Acquisition**. *Brain and Language*, n.57, 1997. p. 285-308.

NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky: cientista revolucionário**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 11-28.

OBLER, L. K.; GJERLOW, K. **Language and the brain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

OLEQUES, L. C. **Imagem e Palavra: um estudo do desenho infantil em um caso de surdez profunda**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC: 2010.

PEIXOTO, C. R. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos Cedes**, v. 26, n.69, p. 205-229, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Coleção Cadernos CED n. 13. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

STROBEL, K.; FERNANDES. S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais/ Secretaria de Estado da Educação**. Superintendência de educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.